

GENEALOGIA DA BIBLIOTECONOMIA E DA BIBLIOTECA “SOCIAL”: GABRIEL NAUDÉ E O DISCURSO LIBERTINO

Giulia Crippa

Professora Titular do Curso de
Biblioteconomia e Ciência da Informação
da Faculdade de Filosofia, Ciências e
Letras de Ribeirão Preto da
Universidade de São Paulo.
E-mail: giuliac@ffclrp.usp.br

RESUMO

O artigo busca desenhar uma genealogia da biblioteca e da biblioteconomia através da análise do tratado de Gabriel Naudé *Advis pour dresser um bibliotheque*. Nesse sentido, discute a perspectiva de análise a partir de inquietações contemporâneas sobre a função que se atribui à biblioteca. Propõe uma perspectiva metodológica de cunho genealógico, ligada à escola warburguiana da História da Cultura. O artigo fundamenta a erudição de Naudé em seu trabalho de natureza bibliográfica. Através da leitura do *Advis*, busca entender o que significa o pensamento libertino no século XVII e como este se relaciona, em termos genealógicos, com as propostas da biblioteconomia e da biblioteca social. O trabalho busca construir uma dialética constante entre o pensamento libertino de Naudé e as propostas de reforma do conhecimento propostas pela Contrarreforma Católica, para destacar as características de seu pensamento. Na medida em que o *Advis* é considerado o primeiro “manual” de biblioteconomia, procura-se entender qual é a visão de conhecimento que norteia sua proposta de biblioteca. A biblioteca de Naudé revela com clareza o reconhecimento de que à organização bibliográfica deve corresponder uma organização física capaz de levar a biblioteca a desempenhar suas funções.

Palavras-Chave: Gabriel Naudé; *Advis pour dresser um bibliothèque*; Biblioteconomia; Pensamento Libertino.

GENEALOGY OF "SOCIAL" LIBRARIANSHIP AND LIBRARY: GABRIEL NAUDÉ AND LIBERTINE DISCOURSE

ABSTRACT

The article seeks to design a genealogy of library and librarianship through the analysis of Gabriel Naudé's treatise *Advis pour dresser um bibliothèque*. In this sense, it discusses the perspective of analysis based on contemporary concerns about the function attributed to the library. It proposes a genealogical methodological perspective, linked to the Warburg's school of History of

Culture. The article bases Naudé's erudition in his work of bibliographical nature. Through the reading of the *Advis*, it seeks to understand what libertine thought means in the seventeenth century and how it relates in genealogical terms to the proposals of librarianship and social library. This work seeks to construct a constant dialectic between Naudé's libertine thought and the proposals of knowledge reform proposed by the Catholic Counter - Reformation to highlight the characteristics of his thought. To the extent that *Advis* is considered the first "handbook" of librarianship, it seeks to understand which is the vision of knowledge that guides its library proposal. Naudé's library clearly reveals the recognition that to a bibliographic organization must correspond a physical organization capable of leading the library to perform its functions.

Keywords: Gabriel Naudé; *Advis pour dresser um bibliothèque*; Library Science; Libertarian Thinking.

1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho se propõe analisar, à luz de alguns questionamentos contemporâneos, o papel desempenhado por Naudé no âmbito da constituição de uma genealogia da biblioteconomia como disciplina que, além de se ocupar com questões bibliográficas e catalográfica, reflete sobre a constituição e o funcionamento de um espaço à luz dos princípios que orientam sua função.

Naudé tem sido a primeira pessoa a ganhar fama, na Modernidade, tanto como bibliotecário bem como teórico da configuração das bibliotecas, distinguindo-se, nesse sentido, da tradição estabelecida pela produção bibliográfica, para refletir sobre a execução de tarefas voltadas para a constituição de uma biblioteca física que, se de um lado se relaciona com os princípios bibliográficos acima citados, por outro entra no mérito de um conjunto de operações pragmáticas de preparação da mesma.

Seu libelo *Advis pour dresser une bibliothèque* (1994), de 1627, expõe um modelo ideal do que deveria ser uma biblioteca: trata-se de uma verdadeira enunciação programática da utilidade de uma biblioteca geral a ser aberta na residência de um senhor de posse, classificada e catalogada sistematicamente, além da ordem alfabética por autores. Para Naudé, sensível à temática maquiavélica de Estado e do papel de seus quadros funcionais, a biblioteca constitui uma ferramenta indispensável na formação desses quadros em uma sociedade moderna de Monarquia Absolutista (CRIPPA, 2017).

As premissas aqui colocadas apresentam as principais diretrizes desse artigo, que tem como objetivos, através de um estudo bibliográfico e de uma análise das fontes:

1) Contextualizar, histórica e ideologicamente, a personalidade de Gabriel Naudé em sua época.

2) Oferecer um quadro das referências que Naudé utiliza, em termos de modelos de bibliotecas existentes das quais atinge para sua proposta.

3) Observar as principais características do *Advis* no que tange o projeto intelectual de uma biblioteca no seu contexto histórico.

Na primeira parte do artigo tentaremos oferecer uma justificativa das razões que levam a uma releitura da obra de Naudé no contexto do século XXI. Segue uma reflexão de cunho metodológico, que sustenta o desenvolvimento do trabalho, o qual enfoca os princípios do projeto de Naudé, resultado de seu posicionamento erudito e libertino.

Destacamos que foi escolhido não dedicar nenhuma parte do artigo com as notícias propriamente biográficas do autor, pois elas são facilmente encontradas em uma busca em rede. Acreditamos, ter privilegiado a discussão propriamente dita.

2 AS PERGUNTAS DO TRABALHO

Esse trabalho reflete sobre a relevância que Gabriel Naudé, intelectual francês nascido em 1600, representa para os estudos biblioteconômicos atuais. A *querelle*, bastante duradoura, sobre o iminente desaparecimento das bibliotecas, destinadas a serem suplantadas pelo regime dos dispositivos digitais, requer que se busquem algumas respostas sobre o olhar que lançamos sobre elas.

Nossa primeira inquietação, nesse sentido, é entender as razões pelas quais temos uma determinada visão delas em relação às suas funções. Atribuir funções a uma biblioteca é só aparentemente um ato simples. Não estamos, aqui, falando da função especializada e específica de cada biblioteca ou tipologia de biblioteca. Entendemos, com função, expressar o sentido das bibliotecas, de qualquer tipologia elas sejam, dentro de um quadro de sua missão institucional, perante outras instituições e perante a sociedade. Em palavras simples: para que servem, as bibliotecas, no atual contexto social, político e econômico? De maneira bastante esquemática, colocamos esse nosso trabalho em uma perspectiva de biblioteca para a formação de cidadãos. É, essa, com certeza, uma visão compartilhada em ampla medida pelos profissionais e por boa parte da comunidade

acadêmica. Todavia, não é a única que se coloca na reflexão sobre bibliotecas. Outras linhas de pensamento, por exemplo, tendem a destacar a informação científica e tecnológica dentro dos processos de produção capitalista e de mercado. Este posicionamento tende a diminuir sensivelmente investimentos e recursos humanos no âmbito das bibliotecas públicas, reduzindo, assim, as possibilidades de acesso à cidadania plena.

Por outro lado, assentando o controle da informação estratégica e valiosa nas mãos de grupos relativamente restritos e altamente especializados, impede-se ou, pelo menos, dificulta-se a mobilidade social, na medida em que se reduz o acesso ao conhecimento. Não é por acaso que muito se discute na área da biblioteconomia, de letramento informacional, como ferramenta indispensável além da já complexa inclusão digital.

É claro que as duas perspectivas são bastante matizadas, e que não há uma fronteira delineada entre elas. Podemos, porém, observá-las de maneira dialética. Quer nos sentimos mais à vontade em uma ou outra visão, nossa pergunta sobre a missão das bibliotecas se volta, em busca de um lastro, para uma perspectiva histórica sobre bibliotecas. Não sobre a história linear, que acaba se transformando, frequentemente, em uma crônica mais ou menos anedótica e progressiva dessas instituições. Com efeito, nossa proposta visa recuperar as fontes dessa história, que permitem enveredar em algumas tentativas de fundamentar a ideia de uma biblioteconomia social, preocupada com o acesso e apropriação de informação de qualidade para a maior parcela de população possível. O que pode interessar, em autores como Naudé? Naudé é uma leitura complexa, hoje, para nós: a cada linha é preciso parar para descobrir quem é o autor do qual está falando, qual obra está propondo... sem possuímos a erudição de Naudé, acabamos facilmente desistindo de sua leitura e nos contentando com o que já foi escrito sobre ele. Essa nossa “cultura do florilégio”, que acaba tomando conta de desenhar os caminhos históricos que alicerçam a identidade de uma instituição como a biblioteca, nos afasta da concretude do pensamento de Naudé, das suas ações dentro da realidade de seu tempo, das suas tomadas de posição, que se tornam tão relevantes na sua proposta de biblioteca como apresentada no *Advis pour dresser une bibliothèque*. A dificuldade de entendermos o quadro no qual vivia e operava Naudé decorre dos obstáculos que sua própria erudição nos impõe.

3 ABORDAGENS METODOLÓGICAS

Costuma-se, por exemplo, afirmar que o *Advis* é “pioneiro”, o primeiro texto a propor a biblioteca como espaço público, o primeiro “manual” de biblioteconomia. Todavia, observamos que, na verdade, as obras biblioteconômicas de autores entre os séculos XVI e XVIII, ainda que esporádicas, raramente são lidas e suas características evidenciadas, talvez pelo obstáculo representado por um uso distante da língua, mesmo em boas traduções. Isso provoca um problema: em geral, ainda se encontram tentativas de desenhar uma história e uma teoria das bibliotecas através de elementos episódicos ligados a realidades específicas e não em um quadro crítico-comparativo de uma lógica de mediação informacional.

Torna-se necessário traçar um panorama histórico não voltado para preencher um vazio, mas para fornecer itinerários, permitir a descoberta de personalidades que representaram etapas e momentos significativos na construção e desenvolvimento das ideias que se traduziram em formas de organização e procedimentos biblioteconômicos.

Nosso trabalho, em uma perspectiva foucaultiana (FOUCAULT, 1994) se orienta pela construção de uma genealogia das bibliotecas, uma arqueologia em que em cada estrato, cada época (através de sua ordem nos conhecimentos) revela disputas, tomadas de posição dentro do que hoje chamamos de “políticas da informação”. Acreditamos que esta é uma possível orientação para uma releitura de Naudé.

Cabe, aqui, ressaltar também a influência, cada vez mais consistente, do conceito de “recorrência”, de concepção warburgiana (DIDI-HUBERMAN, 2013). Para Warburg (2012), que não foi somente um estudioso de história da arte, mas um dos fundadores da história da cultura, no mundo das imagens podem se observar persistências mas formas, que ecoam, ressoam entre si, “fantasmas” que, quando nos deparamos com eles, nos levam a indagar. Essa ideia de recorrência permite abordar a genealogia da biblioteca, através dos ecos e dos fantasmas. Esclarecendo: na medida em que destacamos o papel da biblioteca pública, Naudé se trona nosso fantasma: a ideia de bibliotecas públicas está claramente definida já no âmbito do humanismo italiano dos séculos XIV, XV e XVI, através das contribuições de figuras como Petrarca, Boccaccio, Coluccio Salutati (BOTTASSO, 1984).

O problema é que esses autores não se dedicaram à redação de tratados de natureza biblioteconômica. Suas reflexões, portanto, devem ser procuradas no âmbito de

uma vasta textualidade, devem ser processadas e, finalmente, incorporadas na constituição de uma genealogia biblioteconômica. O *Advis*, nesse sentido, pode ser um ótimo ponto de partida, pois oferece uma parte ampla do lastro dessas leituras, constituindo um repertório bibliográfico a ser indagado.

Observaremos, em seguida, de que maneira os critérios utilizados por Naudé permitem entender a razão pela qual se enquadra como libertino, elemento que nos parece essencial na busca de uma genealogia consistente de certa ideia de biblioteca – portanto, de biblioteconomia – que definimos social.

4 AS LEITURAS BIBLIOTECÁRIAS DE NAUDÉ

Já na introdução do *Advis*, o jovem autor (que, lembramos, na época da redação, em 1627, trabalhava como bibliotecário para o presidente do Parlamento Henry de Mesme) discute a fundamentação de uma biblioteca através de um conjunto de referências bibliográficas. Sua primeira referência é Giovan Batista Cardona, autor do *De regia sancti Laurentii Scorialensi biblioteca libellus, sive consilium cogendi omni generi utiles libros*, publicado em 1587 (NAUDÉ, 1994, p.9). Nessa obra, Cardona relata sobre a construção e organização da biblioteca do Escorial. O julgamento de Naudé sobre obra e autor é negativo, pois alega que Cardona tratou o assunto com superficialidade, escrevendo “É bem verdade que ele sempre tratou o assunto com tanta superficialidade que, mesmo não considerando suas indicações de qualquer valor [...]” (NAUDÉ, 1994, p.9). É interessante destacar que Cardona foi um representante da Contrarreforma Católica.

O segundo autor citado é Justo Lipsius, humanista próximo das posições de Erasmo de Rotterdam que, entre outras coisas, em 1602 publicou o *De bibliothecae syntagma*. Já nessa introdução Naudé deixa claro que as bibliotecas nas quais se inspira, que considera exemplares, são a Vaticana, a Ambrosiana de Milão, inaugurada em 1609 por vontade do Cardeal Borromeu, e a Bodleyana, fundada em Oxford em 1602. As duas últimas, destaca o próprio Naudé, são, desde sua abertura, bibliotecas públicas (NAUDÉ, 1994).

Cabe, aqui, porém, já esclarecer que a palavra “público”, sobre o qual nos confrontamos hoje em dia, não possui o mesmo significado na época de Naudé, na medida em que o significado do termo muda várias vezes ao longo da modernidade. Antes do séc. XVII *publicus* assume o valor de comum (isso é, de uso livre e universal, como a água e o

ar). Com a insurgência das monarquias absolutistas, na época de Naudé, público significa que pertence ao Estado. É somente no séc. XIX, em época vitoriana, que público adquire um sentido de conotação social, isto é: público é aquilo que pertence/serve ao público como povo. É nesse momento que a biblioteca pública se desenha como dotada de uma função educativa e social. Por isso é necessário um certo cuidado quando se encontra esse termo em Naudé, pois não existe uma relação direta e unívoca entre a denominação “biblioteca pública” e seu exercício e função de serviço público geral.

No capítulo I do *Advis* o autor oferece uma bibliografia ulterior sobre bibliotecas. Encontramos, aqui, um amplo repertório de autores da Antiguidade, bem como de autores medievais e modernos entre os quais se destacam Richard de Bury (séc. XIV), o Cardeal Bessarione (séc. XV), Vincenzo Pinelli (séc. XVI) e Guilherme Sirleto, que foi prefeito da biblioteca Vaticana e bom representante da cultura da Contrarreforma. Há, ainda, referência a Thomas Bodley.

O capítulo seguinte, que trata de como documentar-se para constituir uma biblioteca, oferece ainda a referência de Antonio Possevino, representante, em termos de organização bibliográfica, do pensamento da Contrarreforma, enquanto autor de uma das principais bibliografias do século XVI, a *Bibliotheca Selecta*, o maior exemplo de proposta catalográfica fundamentada nos princípios pós-conciliares (CECCARELLI, 1993)

Uma das questões presentes no próprio *Advis* é a relação entre bibliografia e biblioteconomia, pois a própria obra se estrutura a partir de uma discussão bibliográfica para, só em um segundo momento, se dedicar aos aspectos físicos da estrutura, a partir do capítulo 6.

5 ORGANIZANDO O CONHECIMENTO: DA BIBLIOGRAFIA À BIBLIOTECA MODERNA

Se, de um lado, a Bibliografia representa a informação e, do outro a biblioteconomia constitui o paradigma físico dessa informação, é necessário reconhecer a existência de um ponto em comum entre as duas disciplinas, o das lógicas e dos procedimentos de mediação via índices e catálogos, enquanto os âmbitos de constituição, de organização e de gestão de coleções pertencem à esfera mais propriamente biblioteconômica e logística.

Assim, se das relações de mediação entre conhecimentos registrados em documentos e leitores se ocupa a bibliografia, para estabelecer contatos entre usuários com suas exigências e mundo das noções e conceitos é necessário ativar os mecanismos de coleta, ordenação, conservação, acesso e disseminação dos próprios documentos, mecanismos que se encontram na própria existência das bibliotecas.

A necessidade de um repertório bibliográfico complexo nas bibliotecas medievais é reduzida, porque relativamente poucos são os materiais disponíveis, manuscritos. A bibliografia se realiza, assim, em um plano que é literário, cultural e linguístico. Não há necessidade de estruturas para organização bibliográfica nem biblioteconômica. É preciso chegar até Trefler e, principalmente, Gessner, para encontrar uma diferença substancial nos princípios bibliográficos e, por consequência, biblioteconômicos. Anteriormente, encontram-se somente notas sobre necessidades do ambiente físico, o mobiliário, centrados nos modelos classificatórios clássicos e medievais.

Na biblioteca humanista, inicialmente, mudam os conteúdos bibliográficos, mas não, de imediato, as formas e as estruturas da biblioteca. As transformações acontecem, inevitavelmente, com o advento da tipografia.

É nessa perspectiva que se torna relevante verificar, caso a caso, os tratados que estão disponíveis, constatando que as reflexões biblioteconômicas se originam na práxis concreta de coleções mais do que com base em *corpus* teórico organizado ou na aplicação sistemática de um conjunto de normas e instruções que, geralmente, fundamentam a tradição profissional

As exigências de cada biblioteca variam em relação à sua realidade física; com o aparecimento de tipografia, catálogos e bibliografias impressas colocam modelos para adoção ou adaptação. Portanto: em geral, tratados não são necessários em pequenas coleções. Por outro lado, para grandes bibliotecas e para bibliografias conspícuas, os procedimentos decididos no momento ou baseados nas capacidades de memória dos bibliotecários são insuficientes: os curadores encontram-se obrigados a se documentar sobre as propostas em casos análogos e experiências precedentes. Com poucas exceções teóricas, esta é a práxis de elaboração biblioteconômica em que se observa algum amadurecimento de uma consciência bibliográfica aditiva e progressiva.

O estudo genealógico dos tratados biblioteconômicos permite potencialidades hermenêuticas desde que se siga o critério de avaliação da relação entre aquilo que devia ser enfrentado e a maneira de enfrentá-lo, isto é: a relação entre os problemas em busca

de solução e as próprias soluções oferecidas, tornando necessário aceitar o polimorfismo fenomenológico da realidade biblioteconômica na sua história, pois qualquer linearidade e coerências impostas se revela falsa.

Para não deslizar em equívocos conceituais é, portanto, necessário que as exigências da explicação científica se limitem à constatação das relações e nada mais, confiando naquele único núcleo teórico representado pela individualização e funcionalidades das relações de índices e de catálogos que constitui a matéria crítica e as condições interpretativas tanto da bibliografia como da biblioteconomia.

Entre o séc. XVI e o séc. XVIII, a biblioteconomia não é científica, nem axiomática, nem experimental, pois não tinha como tarefa a investigação e o conhecimento de uma realidade externa. Assim, a biblioteconomia, no seu núcleo de catalogação e de classificação apresenta ambiguidades: às vezes, é intuitiva e elementar, tornando-se chata e inconsistente, mas outras vezes manifesta elevados degraus de complexidade e articulação intelectual, como no caso de Naudé.

Eliminado o desentendimento de uma biblioteconomia única e integrada – na qual os mesmos protocolos regulam todas as operações, procedimentos e facetas bibliotecárias – se torna interessante estudar os critérios que podem avaliar as relações de competência, funcionalidade e eficiência das estruturas de mediação entre coleções e usuários.

A genealogia da biblioteconomia assim entendida não dissolve o estatuto disciplinar da biblioteconomia, mas permite descobrir suas características mais específicas que hoje a tornam rica e, ao mesmo tempo, pouco conhecida.

De qualquer maneira, constatada a escassez de referências biblioteconômicas, resta a consideração de que, após a mudança de eixo nos interesses do conhecimento e após a produção impressa da informação em livros, a bibliografia adquire um papel essencial para se poder, em seguida, reformular a própria estrutura das bibliotecas. De fato, a biblioteca moderna se reformula porque há uma mudança nas estruturas do conhecimento e, portanto, na lógica da organização da informação, principalmente através da produção bibliográfica e catalográfica.

Essa estrutura bibliográfica, destinada a tornar-se estrutura física nas bibliotecas, se fundamenta, a nosso ver, em um novo assentamento das partes envolvidas na discussão sobre o conhecimento.

Falamos em partes, sim, porque a voz unívoca do mundo Cristão medieval fragmenta-se já a partir das perspectivas do humanismo renascentista. A estação do Renascimento trouxe, como resultados, a formação das igrejas Protestantes em campo religioso, bem como a fundamentação empírico-experimental das primeiras afirmações da ciência moderna. Resultado de tudo isso é a forte reação da Igreja Católica, que se reformula no Concílio de Trento, encerrado em 1548, a partir do qual se enucleiam as características dos atores de uma nova dialética do conhecimento. Como escreve Balsamo (2017), há, com efeito, uma genealogia na base das afirmações sobre organização e acesso à informação, que se fundamentam sobre os mesmos princípios sobre os quais nos interrogamos hoje: para que e para quem se seleciona, ordena e permite o acesso ao conhecimento?

Na história da circulação cultural, após a invenção do livro impresso, dois modelos interpretativos da função da cultura na sociedade podem ser observados. De um lado, desenvolve-se o princípio laico conforme o qual o homem encontra sua dignidade na pesquisa responsável e racional da verdade, na busca atenta e inesgotável do entendimento da realidade que nos cerca e da qual somos elementos constitutivo. Do lado oposto, antagônica, desenvolve-se a visão dogmática daqueles que se consideram os representantes de certezas inabaláveis que, na perspectiva de um bem superior, impedem a liberdade de escolha aos indivíduos, na medida em que a interpretação ortodoxa é garantida pelas instituições oficiais, cuja outra tarefa é de controle de sua disseminação.

Entre os primeiros grandes representantes desses dois modelos, podemos observar como Conrad Gesner, em sua compilação “universal” de espírito laico corporifique a primeira proposta enquanto, do lado oposto, Antonio Possevino propõe uma bibliografia (a *Bibliotheca Selecta*) rigidamente configurada para alicerçar o espírito da Contrarreforma católica (SERRAI e SABBA, 2005). É, esse plano da discussão, atrelado aos elementos de constituição dos modernos princípios bibliográficos.

Por outro lado, em termos efetivos de constituição de coleções de livros, o século XVII abre-se com essa luta ideológica, centrando-se na biblioteca como serviço público que disponibiliza todos os instrumentos de estudo e informação.

Como vimos, Federico Borromeo, fundador da Biblioteca Ambrosiana, em 1609, que abre 4 horas por dia ao público, ainda que seja tão especializada em letras clássicas que, na realidade, somente os especialistas a frequentavam (BOTTASSO, 1984); Thomas Bodley, que inaugura a Bodleiana em Oxford, em 1602 (KERBAKER, 2015); Angelo Rocca,

fundador da biblioteca Agostiniana em Roma, em 1605 (BOTTASSO, 1984), representam experiências que confluem na elaboração do panfleto mais conhecido de Gabriel Naudé, o *Advis pour dresser une bibliothèque*.

Por que, então, Naudé adquire tanta relevância como referência para a biblioteconomia? Certamente não é por ter, simplesmente, escrito um “manual” para bibliotecários. Precisamos procurar os “ecos” atuais sobre a visão que ele cria de biblioteca. Precisamos entender, aqui, o rótulo atribuído ao autor de “libertino”, algo que se torna relevante em um âmbito genealógico para nós, hoje, que projetamos ideais de biblioteconomia e de biblioteca social.

Retomando o esquema dos atores da dialética do conhecimento da época observa-se, de um lado, a proposta de um controle teológico e moral no acesso ao conhecimento, que se realiza através do controle bibliográfico, que encontra em Possevino um de seus maiores representantes (SANTORO e ORLANDI, 2006).

Do outro lado, se desenvolve um pensamento libertário, de matriz burguesa, que propõe um acesso “universal”, laico, ao conhecimento. Se nos apoiarmos nessa dialética entre as duas propostas, cabe, aqui, oferecer uma proposta de individualização de suas características. Identificamos, assim, a corrente de pensamento ligada à visão pós-conciliar, na qual se coloca, como princípio de base, o controle por parte da instituição eclesiástica do conhecimento, através de sua administração e disseminação rigidamente controlada. Cabe, talvez, lembrara aqui do papel desempenhado pela nova ordem religiosa da Companhia de Jesus, ordem especificamente criada para amparar e sustentar as decisões da Contrarreforma. De qualquer maneira, o conhecimento é pensado pelo filtro da rejeição dos autores que não se perfilam nos dogmas católicos, motivo pelo qual se institui o *Index Librorum Proibitorum*, que condena autores como Giordano Bruno, Copérnico, Galileu¹.

Destaca-se, aqui, por contraste evidente, a posição de Naudé que, no *Advis*, solicita a presença desses mesmos autores na biblioteca, pois para ele “uma biblioteca para o público deve ser universal, e tal não pode ser se não contemplar todos os principais

¹ O primeiro *Index* é publicado em 1549, mas não vigora efetivamente, pelas reações contrárias de livreiros e editores. É em 1559 que se publica o *index* da Inquisição, o mais duro e repressor já produzido, que durou até o século XVII. Possevino se apoia, na construção de suas bibliografias, no *Index Tridentinum*, publicado em 1564 e incorporado, em seguida, no *Index* publicado em 1596, que adota o critério da censura parcial.

autores que escreveram sobre todos os assuntos e todos os campos, e em particular sobre todas as artes e ciências” (NAUDÉ, 1994, p.25).

As afirmações de Naudé adquirem um caráter claro sobre seu posicionamento libertino quando afirma que

Não se devem deixar de lado todos aqueles que inovaram ou mudaram alguma coisa nas ciências, pois significa adular a escravidão e a fraqueza de nossas mentes encobrir o escasso conhecimento desses autores com o desprezo que se deve ter pela sua oposição aos Antigos e por ter doutamente examinado o que outros por hábito aceitavam por autoridade e tradição. Assim, na medida em que, recentemente, mais de trinta ou quarenta autores de renome se posicionaram contra Aristóteles; que Copérnico, Kepler e Galileu mudaram toda a astronomia [...] e que muitos outros introduziram novos princípios [...] eu afirmo que todos esses autores são absolutamente necessários em uma biblioteca [...] afirmo por certo que o conhecimento desses livros é bastante útil e fértil para aquele que sabe refletir e tirar proveito de tudo que vê, que lhe fornecem uma multidão de aberturas e concepções novas, as quais, quando acolhidas por um espírito receptivo, universal e desinteressado [...] o fazem falar de maneira apropriada de tudo, o libertam da admiração, verdadeiro sinal de nossa fraqueza, e o predispõem a raciocinar sobre tudo que se apresenta com maior capacidade de julgamento, previdência e resolução em relação às outras pessoas de letras e mérito (NAUDÉ, 1994, p.44-45).

Pouco adiante, mais uma afirmação de destaque sobre a opção libertina de Naudé, quando afirma que

As bibliotecas devem se abrir e acolher, em primeiro lugar, os que escreveram de assuntos pouco conhecidos, não tratados anteriormente a não ser de maneira fragmentária [...] todos os livros interessantes e não destinados ao vulgo, como são os livros de Cardano, Pomponazzi, Bruno e todos que tratam de Cabala, de memória artificial, da arte de Lull, da pedra filosofal, das divinações e de outras matérias similares. De fato, mesmo que a maioria deles ensine coisas vãs e inúteis, e que eu as considere um obstáculo para todos que com elas se divertem, todavia, por ter que contentar tanto os espíritos fracos como os fortes, e satisfazer pelo menos os que querem ter uma visão destes, para depois refuta-los, é necessário acolher os livros que disso tratam (NAUDÉ, 1994, p.46-48).

Ainda, Naudé propõe acolher e disponibilizar os autores da Reforma protestante:

[...] não esquecer todas as obras dos principais heresiarcas ou fautores de religiões novas e diferentes da nossa mais compartilhada e respeitada como a mais certa e verdadeira [...]. Portanto, já que é necessário que nossos Doutores os encontrem em algum lugar para refuta-los [...] considero que nada tenha de extravagante ou perigoso em ter em uma

biblioteca (com o cuidado, todavia, de pedir licença e permissão aos responsáveis) todas as obras dos mais sabidos e famosos hereges, como Lutero, Melancton, Pomeránius, Butzer, Calvino, Bèze, Daneau, Gaultier, Hospinien, Paré, Bullinger, Marlorat, Chemnitz, Bernardino Ochinus, Pedro Mártir, Hilíricus, Osiander, Musculus, os Centuriadores, du Jong, Mornay, Du Moulin, além de autores de importância menor, *quos fama obscura recondit* (NAUDÉ, 1994, p.48-52)

Costuma-se afirmar que Naudé é o primeiro autor que utiliza o termo bibliografia, em sua obra *Bibliographia Política* (NAUDÉ, 1997), publicado em 1633. Observa-se, porém, que essa obra apresenta uma estrutura narrativa muito mais próxima da tradição da História Literária, distante, nesse sentido, da estrutura catalográfica já utilizada na *Bibliotheca Universalis* de Gessner pouco menos de um século antes. Por História Literária entende-se a bibliografia enquanto coletânea de perfis bio-bibliográficos e de livros relativos a determinados assuntos, além de ser história das bibliotecas.

Naudé, tanto no *Advis* como na *Bibliografia Política*, realiza bibliografias na forma de tratados, isso é: argumentando sobre suas tarefas, bem como sobre as tarefas de bibliotecas, bibliotecários, de formação, de livros bons e ruins. Assim, suas listas de livros - para as quais, vale destacar, apresenta os critérios de seleção - não representam um catálogo contendo informações sobre formato, editor, lugar de publicação. De fato, na longa lista de autores apresentada no capítulo 4 do *Advis*, Naudé oferece um mapa dos conhecimentos, destacando em breves comentários a relevância de algum autor dentro de um campo ou outro ou sobre seu papel inovador ou conservador, constituindo parte do tratado que é o *Advis*.

Para nós, a leitura dessa lista não é fácil e, todavia, é necessária, na medida em que reside nessa erudição e nesses comentários a riqueza libertina do pensamento de Naudé: não é simplesmente uma lista de autores que está propondo, mas uma hierarquia dentro das estruturas dos campos de conhecimento.

Hierarquia, essa, que se posiciona de maneira dialeticamente oposta à proposta da Contrarreforma, voltada para o reestabelecimento de uma ordem ligada à visão dogmática da fé.

Para auxiliar no entendimento dessa dialética, oferecemos um exemplo retirado do posicionamento disciplinar do catolicismo em relação à produção artística. De maneira clara, a Igreja pós-conciliar estabelece regras para a realização de imagens religiosas, para as quais destaca-se a função didática. Que a arte assim concebida tenha tido vida breve, é

evidente na sua rápida evolução para o apelo emocional das representações barrocas que, ainda assim, mantêm seu rigor teológico, expressado por uma retórica eficaz. Já falamos do papel de Possevino na elaboração dos catálogos bibliográficos da Contrarreforma, e vale destacar que o mesmo se dedicou à bibliografia relativa à arte, em seu *Tractatio de Poesia et pintura ethnica, humana et fabulosa collata cum vera, honesta et sacra*, de 1595 (1973). Assim como sua *Bibliotheca Selecta*, também o *de Poesia et pintura* oferece o modelo rigidamente delimitado da doutrina Contrarreforma, modelo que se torna instrumento de controle estreito aplicado à informação bibliográfica e à circulação de livros, voltado para a construção, “no plano documentário, de uma memória coletiva selecionada de acordo com um programa pedagógico específico” (BALSAMO, 2017, p. 55). O que queremos destacar, aqui, é que Possevino, erudito religioso e bibliógrafo, seleciona um conjunto de autores e de livros não dedicados às técnicas, mas, sim, à moralidade na pintura e na escultura.

Do outro lado da reflexão sobre conhecimento e informação entre século XVI e XVII, encontra-se a visão de autores como Naudé, que afunda suas raízes na cultura mais propriamente humanista. Genealogicamente, em termos bibliográficos, é Gesner e sua obra que encabeça essa visão, que tende a se delinear como conhecimento “laico”. A ideia de “universalidade”, presente na obra gesneriana e fortemente apoiada por Naudé, não aponta para uma genérica totalidade, mas para a possibilidade de acesso e apropriação dos livros e manuscritos por parte da comunidade erudita. Se, na época, essa comunidade é constituída por eruditos, em nenhum momento se colocam empecilhos para sua ampliação.

Assim, se na introdução e no primeiro capítulo do *Advis* se estabelece uma “missão” libertina para a biblioteca, na parte dedicada à escolha dos livros, sua quantidade, sua qualidade e como encontra-los, a perspectiva libertina se reforça justamente na explicitação das necessidades bibliográficas de uma biblioteca “pública”, isso é: nos anseios de ser “universal” e não exclusiva, tanto na oferta bem como na aceitação de usuários para os quais a ordem dada aos conhecimentos constitui um percurso de esclarecimento. A biblioteca, através de uma ordem bibliográfica, desempenha, portanto, uma função, uma “missão” que se apresenta já a serviço dos escopos de um Estado Moderno.

A biblioteca que assim se desenha, todavia, não se limita a isso. Sua questão crucial é que uma determinada ordem orienta para uma percepção de mundo. Atenção,

isso é explícito em Naudé, que afirma que sim, todos os autores devem estar presentes e disponíveis, mas apresentados em uma ordem que é hierárquica, permitindo, assim, a valorização de determinadas informações.

Nas mãos de Naudé, isso significa que autores e obras que os bibliógrafos pós-conciliares proibiram, que foram organizados em função doutrinária, encontram um lugar marcadamente diferente. A nova ciência, como vimos, para Naudé deve ser conhecida, bem como livros que se encontram no *Index* devem ser acessíveis, quer para satisfazer as credences de alguns leitores, quer para os estudiosos sérios, que queiram confutar tais credences. Não proibidos, portanto, mas disponibilizados no lugar certo.

A libertinagem de Naudé, portanto se alimenta daquele humanismo que buscava satisfazer a curiosidade pela curiosidade e que está na base da concepção moderna de conhecimento e de ciência.

De fato, nas listas de Naudé se encontram não autores diferentes daqueles tratados pelos bibliógrafos pós-conciliares, alinhados à visão da Igreja, pois os nomes de cientistas e hereges são recorrentes em ambas a propostas. O que muda é a perspectiva de seu tratamento: perniciosos de um lado, portanto com acesso proibidos ou fortemente limitado, relevantes ou considerados “bobagens” por Naudé, mas nunca restritos em seu acesso. Naudé é um libertino porque não limita a leitura, não proíbe o acesso aos materiais, ao contrário da posição das bibliografias e – consequentemente – das bibliotecas oriundas das posições do Concílio de Trento.

6 A BIBLIOTECA SE NAUDÉ: ESPAÇO FÍSICO E ORGANIZAÇÃO

Os capítulos 6 e 7 do *Advis* são dedicados aos espaços físicos propriamente ditos da biblioteca.

O capítulo 6, em particular, oferece indicações sobre a localização ideal da biblioteca. Naudé afirma que é importante, para que o tratado não fique incompleto, discorrer sobre o lugar ideal da biblioteca, que deve ser silencioso e agradável pela posição, para auxiliar o estudioso se concentrar, sugerindo, portanto, que a biblioteca seja um pouco afastada em relação à rua e à vida cotidiana doméstica:

[...] escolher uma parte da casa distante o mais possível do barulho e do movimento [...] longe, portanto, das ruas, da cozinhe, dos cômodos de

serviço [...] para coloca-la, se possível, entre algum pátio e um jardim bonitos, onde tenha sua luz natural, vistas amplas e agradáveis, ar puro, sem contaminação de pântanos, esgotos, monturos [...] (NAUDÉ, p.89-90)

Preocupação de Naudé é a humidade, contra a qual é necessário se precaver através da localização e orientação da mesma. Fala, em seguida, da iluminação natural ideal para, na parte final do capítulo, revelar-se um homem de seu tempo: na elegante redação sobre os problemas da orientação e dos ventos, revela ser um homem de seu tempo, acreditando na teoria da influência dos humores, sugerindo, assim, uma exposição para oriente, pois

[...] para a natureza dos ventos que assopram daquele lado que, sendo quentes e secos, tornam o ar bem temperado, fortificando os sentidos, refinando os humores, depurando os espíritos [...] os ventos do sul, mais perigosos de todos, pois sendo quentes e húmidos apodrecem tudo, tornam pesado o ar, alimentam os vermes, geram parasitas, provocam doenças [...] enchem a cabeça de certos vapores e humidades que a tornam pesada (NAUDÉ, p.91)

Sobre a decoração da biblioteca, da qual fala no capítulo 8, a modernidade do autor volta à tona no convite para dispensar os excessos decorativos de estuque dourados, de mármore e marfim, em favor do uso de prateleiras que cobrem as paredes, enquanto o antigo gosto por bustos e fragmentos de esculturas devem ser substituídos por instrumentos matemáticos, globos, esferas, ilustrações, pedras e outras curiosidades artísticas e naturais que, paulatinamente, se encontram e colecionam ao longo do tempo.

Consciente de ser o primeiro a tratar de uma biblioteca moderna em um campo ainda ligado ao passado, Naudé, ao redigir o *Advis pour dresser uma Bibliothèque*, auspica que seu tratado, ainda que insuficiente e inadequado, possa pelo menos servir de guia. Obra escrita depois de algumas disputas entre os que frequentam a biblioteca do de Mesme, o *Advis* não é sistemático como um trabalho organicamente estruturado, mas se propõe a organizar de maneira clara as experiências e as discussões do jovem Naudé em sua prática quotidiana com os livros, com os quais lidava já havia alguns anos. Esse texto se apresenta, assim, como uma coletânea de indicações e recomendações práticas, dominadas por um ideal humanista do valor e da importância de uma empreitada como a da realização de uma biblioteca.

O autor esclarece que estamos perante um compêndio, e não de um tratado propriamente dito, apresentando contribuições úteis e instrutivas ao longo das quais,

além das anotações mais práticas, se encontram afirmações importantes e sintomáticas da ampla liberdade de pensamento proposta por Naudé, como aquelas contra a escravidão das opiniões comuns, “[...] adquirir conhecimentos de ordem geral no âmbito de todas as artes e de todas as ciências, em se livrar da servidão e da escravidão de opiniões dadas que nos levam a ditar regras e falar de cada coisa conforme a nossa fantasia” (NAUDÉ, 1994, p.10).

A instância da ordem aparece no último e mais importante capítulo da obra, relativo à finalidade e à utilidade de uma biblioteca. Assim, depois de falar, novamente, da exigência prioritária de poder desfrutar de bibliotecas abertas ao público que podem ser acessadas pelos estudiosos, Naudé alerta sobre a necessidade de redigir dois catálogos de todos os livros presentes. Um primeiro catálogo temático, em que se delineiam de maneira clara as várias matérias, e um segundo por autores, baseado na ordem alfabética. A organização e a catalogação, elementos imprescindíveis para toda biblioteca, são aqui colocados em sua tarefa de base, ou seja: a capacidade, racional e sintética ao mesmo tempo, de fornecer ao leitor o máximo de informação no menor tempo possível:

[...] a coisa mais necessária seria fazer dois catálogos de todos os livros contidos na biblioteca, em um dos quais os livros seriam dispostos tão exatamente conforme as diversas matérias e disciplinas, para poder ver e saber em um relâmpago todos autores que podem ser encontrados debaixo do primeiro assunto que surgir na mente; no outro, os livros deveriam ser estritamente dispostos e reconduzidos à ordem alfabética de seus autores, tanto para não duplicar as aquisições, como para saber o que falta, e também para satisfazer o pedido de muitos que são, às vezes, desejosos de ler particularmente a obra completa de determinados autores. (NAUDÉ, 1994, p. 109)

Se a organização do material é um elemento relacionado à própria ideia de biblioteca e adquire, portanto, um papel essencial para seu funcionamento, a biblioteca não tem um verdadeiro sentido ou uma identidade se não for universal e pública. A universalidade, com efeito, garante que a biblioteca não seja construída na base de preconceitos ideológicos ou religiosos. Por isso, vimos como Naudé não hesita em insistir sobre a importância de uma biblioteca incluir as obras dos hereges ou, em geral, de autores considerados proibidos. Qualquer censura tornaria, de fato, uma biblioteca inadequada ao uso público, contrariando o objetivo prioritário que a torna universal. Nisso, é evidente a influência da biblioteca Ambrosiana, citada, aliás, várias vezes no texto do *Advis*.

Toda biblioteca perde sua razão de existir na falta de leitores e, como observa Naudé, a necessidade de recorrer constantemente às bibliotecas se deve de certa maneira a razões externas e objetivas, como a brevidade da vida e o grande número de conhecimentos necessários para ser uma pessoa erudita. É possível, no *Advis*, individualizar um princípio de economia na aprendizagem dos conhecimentos que, ao lado daquele mais explícito da necessidade da ordem e da organização, preside à exigência naudeana de escrever esse texto.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS: BIBLIOTECA REFLEXO DE UMA IDEIA

A leitura do *Advis*, realizada à luz das inquietações expostas no início de nosso trabalho, devolve a centralidade da figura de Naudé na genealogia de uma proposta de biblioteconomia e de biblioteca voltada para a sociedade. Não se trata de uma leitura inovadora, claro, pois nada foi feito além de repetir o que já é conhecido. Buscamos, porém, devolver ao autor alguns elementos de sua época, recolocar seu trabalho na perspectiva das polêmicas e das visões de uma outra época, em que problemas e soluções eram amplamente distantes dos nossos.

Todavia, mesmo na distância da linguagem, na distância da erudição, Naudé devolve sua modernidade libertina como algo essencial nas nossas escolhas contemporâneas sobre o que fazer das bibliotecas públicas. Naudé nos convida, ainda hoje, a continuar na criação e na manutenção dessas praças do conhecimento, encruzilhadas onde culturas diferentes podem e devem conviver, em que a curiosidade encontra sua satisfação e as ideias podem fluir dialeticamente.

Em tempos em que as discussões se concentram nas disputas orçamentárias e as bibliotecas sofrem o descaso das instituições, torna-se necessário destacar novamente, de maneira clara e forte, o que aparentava ser óbvio: a biblioteca pública de Naudé se coloca, ainda hoje, como ideal a ser perseguido e enaltecido, centralizado e discutido, proposta humanista que visa oferecer os conhecimentos sem censuras. Finalmente, para encerrar, lembramos a figura sobre a qual todo a estrutura da biblioteca repousa: o bibliotecário, que assim é desenhado por Naudé:

[...] penso que seria necessário escolher, em, primeiro lugar, um home honesto, erudito e grande conhecedor dos livros, para lhe conferir, com

encargos e salário à altura, o título e a qualidade de bibliotecário, prática que nos parece ter sido seguida em todas as mais famosas bibliotecas, onde muitos homens dignos sempre se consideraram muito honrados de receber essa tarefa, e a tornaram ainda mais ilustrada e digna de estima com sua grande doutrina e capacidade. (NAUDÉ, 1994, p.106).

REFERÊNCIAS

- BALSAMO, Luigi. **La bibliografia**: storia di una tradizione. Milano: Unicopli, 2017.
- BOTTASSO, Enzo. **Storia della biblioteca in Italia**. Milano: Bibliografica, 1984.
- CECCARELLI, Maria G. Antonio Possevino. Em: SERRAI, Alfredo. **Storia della bibliografia**, vol. IV, p. 711-760. Roma; Bulzoni, 1993.
- CRIPPA, Giulia. Narrativa como gesto bibliográfico: Gabriel Naudé entre erudição e política. **Perspectivas em Ciência da Informação**. Belo Horizonte, v.22, p.21-35, jul. 2017.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **A imagem sobrevivente**: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013
- FOUCAULT, Michel. **L'archeologia del sapere**. Milano: B.U.R., 1994
- KERBAKER, Andrea. **Lo scaffale infinito**: storie di uomini pazzi per i libri. Milano: TEA, 2015.
- NAUDÉ, Gabriel. **Advis pour dresser une bibliothèque**. Bologna: CLUEB, 1994.
- NAUDÉ, Gabriel. **Bibliografia Política**. Roma: Bulzoni, 1997.
- POSSEVINO, Antonio. Quinam pingendi praecepta tradiderint antiqui et recentes. Em: BAROCCHI, Paola (org.). **Scritti d'arte del Cinquecento**. Tomo I, p. 42-53. Milano-Napoli, Ricciardi, 1971.
- SANTORO, Marco e ORLANDI, Antonella. **Avviamento alla bibliografia**. Milano: Bibliografica, 2006.
- SERRAI, Alfredo (org.) **Storia della bibliografia**, Vol. V. Roma: Bulzoni, 1993.
- SERRAI, Alfredo e SABBA, Fiammetta. **Profilo di storia della bibliografia**. Milano: Sylvestre Bonnard, 2005.
- WARBURG, Aby. **L'Atlas Mnémosyne**. Paris: L'écarquillé/INHA, 2012.